

## Entre *buscar contribuir* e *la contribution*: a modalização em resumos científicos em português/francês

Sandra Dias Loguercio<sup>1</sup>

Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, Brasil

**Resumo:** Relatamos neste artigo um estudo sobre as marcas de modalização em resumos científicos de uma perspectiva interlinguística, com fins pedagógicos. Para além da linguagem comum ao gênero em análise na área de Linguística, em que nos concentramos, esse estudo ajuda a melhor caracterizar o resumo, apontando para posturas adotadas no âmbito do discurso científico. Com base na análise do gênero textual e na exploração lexical de *corpora* comparáveis em português e francês, combinamos abordagens onomasiológica e semasiológica para comparação entre as línguas. Fruto de normas sociais explícitas (periódicos científicos) e implícitas (quadros culturais e epistemológicos), a linguagem empregada, ao mesmo tempo que confirma a predominância da postura epistêmica, típica da ciência, revela que resumos em português brasileiro são também marcados por uma postura de intenção (volitiva), ao passo que resumos em francês por uma postura de autoafirmação (avaliativa), aspectos a serem considerados pela pedagogia das línguas e da tradução.

**Palavras-chave:** Discurso Científico; Modalização; Resumo Científico; *Corpora* Comparáveis.

**Title:** *Buscar contribuir* and *la contribution*: the modalization in scientific abstracts in Portuguese and French

**Abstract:** In this article a study of modalization aspects in scientific abstracts through an interlinguistic perspective is described with pedagogical purposes. Although the focus of this study is the language commonly used in scientific abstracts regarding Linguistics, it helps to better characterize scientific abstracts, highlighting features used within scientific discourse. Based on the analysis of textual genre and lexical exploration of comparable *corpora* in Portuguese and French, onomasiological and semasiological approaches were combined in order to compare both languages. The language used in the abstracts results from explicit social norms (scientific journals) and implicit social norms (cultural and epistemological aspects) and confirms the predominance of an epistemic attitude – which is typical of science. It also shows that abstracts in Brazilian Portuguese are characterized by an attitude of intention (volitional), while abstracts in French are characterized by an attitude of self-affirmation (evaluative) – aspects to be considered by language and translation pedagogies.

**Keywords:** Scientific Discourse; Modalization; Scientific Abstract; Comparable *Corpora*.<sup>2</sup>

<sup>1</sup> Professora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Letras. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-9290-5258>. E-mail: [sandraloguercio@hotmail.com](mailto:sandraloguercio@hotmail.com).

<sup>2</sup> Agradeço à tradutora Dayane Conceição da Silva pela excelência na versão do resumo para o inglês.

## Introdução

O estudo da modalização que apresentamos aqui é parte de uma pesquisa mais ampla, voltada à descrição de padrões lexicogramaticais de textos científicos, escritos em diferentes línguas e áreas do conhecimento. Essa pesquisa busca identificar o que, por um lado, é comum ao modo de expressão do gênero textual em análise, resguardando ao mesmo tempo as especificidades de cada área e fazer científico, e, por outro, as formas particulares que o gênero adquire em cada uma das línguas estudadas<sup>3</sup>. Tal perspectiva tem por finalidade um trabalho aplicado, cujo principal objetivo é desenvolver objetos de aprendizagem e bases de consulta lexical que sirvam de apoio para atividades de leitura, produção textual e tradução de textos acadêmicos<sup>4</sup>. Assim, buscamos fornecer subsídios para trabalhos voltados ao letramento acadêmico que, conforme acreditamos, não deveria mais prescindir de perspectivas plurilíngues<sup>5</sup>.

Compreendemos, desse modo, que os gêneros, enquanto uma categorização linguística já há muito reconhecida a partir, principalmente, dos estudos de Bakhtin – para quem “os gêneros do discurso organizam o nosso discurso quase da mesma forma que o organizam as formas gramaticais (sintáticas)” (BAKHTIN, 1979/2011, p. 283) – e didática, como estimularam os trabalhos de abordagem sociorretórica de Swales (1990) e Bathia (1993), constituem uma base para o ensino de línguas que considera o aprendiz como ator social, aquele capaz de agir na e pela língua, e, em extensão, para o ensino da tradução. A competência de transitar por textos e discursos em línguas diversas supõe, nesse sentido, a compreensão de que os usos da linguagem estão atrelados a um sistema social organizado em práticas e papéis sociais mediados pela linguagem e pela cultura de maneira geral.

A linguagem funciona como elemento estruturador dos dois primeiros elementos [práticas e papéis sociais]. Os três se articulam em gênero – práticas sociais mediadas pela linguagem, compartilhadas e reconhecidas como integrantes de uma dada cultura. Tal conceito de linguagem, que articula a vida social e o sistema da língua, carrega em si pressupostos acerca do ensino de linguagem: ensinar uma língua é ensinar a agir naquela língua. (MOTTA-ROTH, 2006, p. 496)

---

<sup>3</sup> Para mais detalhes da perspectiva adotada, ver os artigos Kilian; Loguercio (2015) e Loguercio; Kilian (2017).

<sup>4</sup> O material elaborado a partir das análises é reunido e disponibilizado pelo Projeto TERMISUL em <http://www.ufrgs.br/termisul/>.

<sup>5</sup> Uma das condições, em nosso entender, para se viver em sociedades globalizadas, mas de forma democrática e humanista, em que as diferentes experiências humanas, expressas por línguas diversas, contam de fato para o desenvolvimento das ciências, de cientistas e de relações interculturais, como demandam tais sociedades.

Todos os aspectos linguísticos e não linguísticos relativos à descrição dos gêneros deveriam interessar, portanto, ao ensino-aprendizagem de línguas, de modo mais geral, e à pedagogia da tradução, de modo mais específico. Neste artigo, limitamo-nos à exploração e discussão da modalização em resumos científicos de artigos de pesquisa de Ciências da Linguagem e Linguística Aplicada em português e francês. Esse estudo se mostrou necessário após um primeiro levantamento do léxico e das fraseologias comuns ao gênero em questão e o trabalho comparativo entre as línguas, visando ao estabelecimento de equivalências por meio de unidades que respondiam à mesma função referencial no resumo, ou seja, relativa a um conteúdo e a uma intenção comunicativa<sup>6</sup> (por exemplo, definir o objeto de estudo e/ou os objetivos, justificar, concluir, etc.). Assim, se pudemos observar coocorrências lexicais muito frequentes, como dos itens lexicais *artigo* e *objetivo* e suas respectivas correspondências nas línguas, bem como o uso de formulações preferenciais – *Este artigo tem como objetivo* e *L'objectif de cet article est de* – o que respondia à parte de nossa descrição, outros dados escapavam a esse tipo de sistematização. Como explicar, por exemplo, escolhas possíveis dentro de uma mesma função, em uma mesma língua, como *os resultados mostram* e *os resultados sugerem*? Como equiparar unidades funcionais entre as línguas cujas preferências não apenas denotam, mas evocam outros sentidos, como o uso frequente em francês de *contribution* para se referir ao artigo de pesquisa?

Compreendemos, desse modo, que aspectos como a modalização, assim como as formas de expressão do sujeito enunciador (ou seu ocultamento)<sup>7</sup>, configuravam igualmente um estilo de linguagem relevante para a descrição do gênero em uma perspectiva interlinguística e aplicada ao ensino. Buscamos ir além de uma descrição formal baseada no aspecto funcional das expressões levantadas, para tratar igualmente dos planos enunciativo e discursivo. Centramo-nos, assim, em sequências lexicais cuja “função interpessoal ou modal”, segundo Tutin (2013, p. 30), ou “orientada para os participantes”, nas palavras de Hyland (2008, p. 14), mostravam-se mais evidentes, ou seja, naquelas formas em que o ponto de vista do enunciador é marcado em relação ao conteúdo proposicional, criando uma espécie de metadiscurso.

---

<sup>6</sup> Embora não utilizemos como base teórica e metodológica os trabalhos de Swales, podemos aproximar o que chamamos de função referencial dos “movimentos retóricos”, definidos como “unidades retóricas [segmentos textuais] que executam funções comunicativas coerentes em discursos escritos ou orais” (SWALES, 2004, p. 228).

<sup>7</sup> Não nos aprofundaremos nesse aspecto aqui, comentando-o apenas quando esse tipo de dado se mostrar pertinente para a análise da modalização.

## O que se diz sobre a modalização em textos científicos

### *Sobre a modalização*

Os estudos linguísticos relativos ao fenômeno da modalização começam a ser sistematizados por Bally (1932), para quem a frase pode ser analisada no plano do “conteúdo representado” (o *dictum*) e no plano da modalidade (o *modus*), ou seja, da posição do locutor em relação ao conteúdo expresso (RIEGEL *et al.*, 2009, p. 975). A modalidade, por sua vez, pode ser explícita (as modalidades da enunciação marcadas nos tipos de frases, tais como declarativas, injuntivas ou interrogativas; nos verbos de operação lógica, tais como *supor*, *presumir* ou *concluir*, quando usados na primeira pessoa do singular (BENVENISTE, 1966, p. 264), entre outras formas) ou incorporada ao *dictum* (caso dos tempos verbais, do uso de adjetivos etc.).

Kerbrat-Orecchioni (1980) elenca uma série de *modalizadores* ou *marcadores de modalização*: como as aspas, o uso de estruturas como “é verdade [certo, incontestável, duvidoso etc.] que”, de verbos que emitem uma avaliação ou um julgamento de verdade (como *admitir*, *pretender*, *reconhecer*, *imaginar*, *parecer* etc.), de advérbios (do tipo *seguramente*, *provavelmente*, *talvez*) e mesmo de incisivas (por exemplo, *em minha opinião*, *quanto a mim*), chamando atenção ainda para o uso de certos tempos verbais, principalmente o *futuro* e o *condicional* (ou *futuro do pretérito*). Em suma, a modalização pode ser marcada lexical e/ou morfologicamente, pelo uso de expressões linguísticas, por marcas tipográficas ou prosódicas.

Para Nascimento (2009, p. 1376), a modalização é “uma *estratégia argumentativa* que imprime, no enunciado, uma avaliação ou ponto de vista de um locutor sobre o conteúdo de sua enunciação ou sobre a própria enunciação” (grifo nosso) e isso é feito sempre em função da interlocução ou do interlocutor, isto é, “significa que ao imprimir uma avaliação, o locutor o faz em função do outro, deixando pistas do que deseja ou de como quer que seu discurso seja lido” (*op cit.*).

Essa estratégia argumentativa<sup>8</sup> ou orientação retórica se dá segundo grandes categorias de modalização que, com base em Castilho (2010) e Nascimento e Lima (2012), compreendemos da seguinte maneira:

- i) epistêmica, em que o conteúdo proposicional é avaliado em relação a seu valor de verdade, podendo essa avaliação ser graduada (quase asseverativa ou dubitativa, asseverativa, muito asseverativa) ou mesmo restrita a alguns elementos (asseverativa com delimitação): *é verdade que* vs. *parece que*; *quanto a esse aspecto, sabe-se que*; *de modo geral, vê-se que*, etc.

---

<sup>8</sup> A relação entre modalização e argumentação é explorada igualmente por Andrade e Travaglia (2017), que mostram como a modalidade epistêmica assume diferentes funções no artigo científico de Linguística.

- ii) deôntica, em que o conteúdo proposicional é entendido como um estado de coisas obrigatório ou necessário: *deve-se compreender que; para a realização desse estudo, é necessário; etc.*
- iii) avaliativa (ou pragmática subjetiva, na classificação de Castilho, 2010), em que há um julgamento de valor em relação ao conteúdo proposicional: *é interessante notar que; consideramos pertinente divulgar tais resultados; etc.*
- iv) volitiva (CASTILHO, 2010)<sup>9</sup>, em que há uma manifestação da intenção do enunciador relativa ao tópico abordado, marcando sua inclinação para determinado ponto, aspecto ou ação: *neste trabalho, busco sustentar que; realizamos essa análise com o intuito de mostrar que, etc.*

Essas marcas, bastante evidentes em certos gêneros do discurso – naqueles em que se espera um posicionamento do sujeito como, por exemplo, artigos de opinião, colunas de jornais, resenhas, textos publicitários etc. –, em que, normalmente, o enunciador se assume como sujeito do discurso, marcando-se na primeira pessoa do singular, como nos mostra Benveniste (1966), tornam-se bem menos visíveis em outros, como no discurso científico. Para compreender como os modalizadores se manifestam, portanto, no resumo científico, é preciso conhecer, antes de tudo, sua natureza, seu propósito e suas convenções.

#### *Sobre o resumo científico de artigo de pesquisa*

Se consideramos, como dissemos anteriormente, que os usos da linguagem estão atrelados a um sistema social organizado em práticas e papéis sociais, sendo estes mediados pela linguagem e pela cultura, não podemos tratar de um determinado gênero, reflexo dessa relação, sem levar em conta o contexto concreto de comunicação e sua relação com outros objetos semióticos. Malrieu (2004, p. 75-76) chama a atenção, nesse sentido, para três aspectos que intervêm nas práticas e usos da linguagem e que nos ajudam a situar o resumo científico do qual tratamos:

- i) as posturas predominantes em textos escritos conforme a divisão do trabalho e o conjunto das técnicas e instrumentos semióticos: *tecno-pragmática* (objetiva, voltada ao diagnóstico, ao método, ao resultado e à avaliação), *epistêmica* (postura “objetivante”, busca de uma verdade, própria à prática científica<sup>10</sup>), *ética ou axiológica* (postura normativa e avaliativa, busca definir e/ou refletir sobre normas de ação e conduta, como os discursos político, jurídico e filosófico) e *estética* (postura “subjetivizante”, busca fabricar universos ficcionais com base em conflitos vividos e nas normas estéticas vigentes).

---

<sup>9</sup> Nascimento e Lima (2012) não consideram esse tipo de modalização em suas análises do discurso científico.

<sup>10</sup> Uma reflexão instigante a respeito é feita no ensaio de Sobral; Soligo; Prado (2017).

- ii) as modalidades físicas da comunicação: na presença do interlocutor ou a distância; com interatividade ou não; em suporte multimídia escrito ou oral e escrito; etc.
- iii) as normas sociais da comunicação no interior das práticas, que podem ser explícitas (por exemplo, normas para publicação em periódicos) ou implícitas (todo tipo de interação feita através de redes sociais, interações orais do cotidiano de modo geral e outras).

O resumo científico responde de maneira geral a uma postura epistêmica própria ao discurso científico. Isso se explica na medida em que seu objetivo primeiro é fornecer os elementos essenciais de uma pesquisa – que busca dizer “verdades” sobre o mundo (relatar experiências e construir conhecimentos), por meio da observação sistemática e de procedimentos analíticos (de um método investigativo) – de modo que o leitor possa identificar *o que é investigado, como e que dados e conhecimentos* resultam da investigação. Essa comunicação ocorre a distância, sem interação direta com os interlocutores nem suporte oral, como é próprio às situações de leitura, e é caracterizada pela impessoalidade e/ou pela generalização vistas, entre outros aspectos, pelas formas do sujeito sintático: por um lado, uso privilegiado de formas impessoais, da voz passiva, do sujeito de tipo “instrumental”<sup>11</sup>, ou, por outro, de um sujeito pessoal coletivo (1ª pessoa do plural), que os franceses chamam comumente de “*nós de modéstia*” (RIEGEL *et al.*, 2009, p. 363). Essas características são norteadas, na maioria das vezes, por normas sociais explícitas (as normas impostas pelos periódicos e, de maneira mais ampla, pelas comunidades científicas), mas também implícitas, pois se realizam, como lembra Grossmann (2015, p. 123), “através dos quadros epistemológicos que o pesquisador se atribui ou que herda”.

Dizer que as normas sociais que regem a formulação do discurso científico de maneira geral impõem uma postura objetivante (epistêmica), marcada, em princípio, por um estilo impessoal, descritivo e neutro<sup>12</sup>, que busca responder à intenção de “dizer verdades”, não significa dizer que não haja um posicionamento por parte do enunciador e, conseqüentemente, uma intenção persuasiva, marcada pela argumentação. Como observam Delcambre e Lahanier-Reuter (2015, p. 226), “o apagamento enunciativo, que é característico do *ethos* científico, não se traduz, [...], por um apagamento do autor, que é a fonte do discurso”, ou ainda como dizem Sobral, Soligo e Prado (2017, p. 175), aprofundando a questão da autoria, “Todo autor pretende sempre legitimar de algum modo a presença de

---

<sup>11</sup> Denominação utilizada por Ignacio (2007), que distingue, em estruturas oracionais de ação/processo, sujeito *agentivo* (agente da ação), *causativo* (aquele que causa a ação) e *instrumental* (instrumento para a ação). Todos desencadeiam uma ação ou processo, com a diferença que os dois últimos não apresentam a característica da intencionalidade ou não controlam a ação. No resumo científico, podemos notar essas distinções em formas como: *Concluimos que* (1ª pessoa do plural, sujeito agentivo) e *Os resultados obtidos apontam para* (sujeito instrumental, pois os resultados obtidos *pelo autor* do trabalho servem para que ele aponte para alguma coisa).

<sup>12</sup> Esse estilo é influenciado, em grande medida, pelo discurso oriundo das ciências naturais (ver, por exemplo, Swales, 2002, e Vold, 2008).

suas próprias convicções pessoais”. Em outras palavras, trata-se de um discurso que se configura igualmente pela busca da adesão do leitor – que, no caso do resumo, deve despertar sua atenção e levá-lo a ler o artigo em sua integralidade – o que supõe, por sua vez, a consideração tanto daquilo que, para a comunidade de leitores, se constitui como uma novidade no âmbito da ciência, quanto de suas objeções e ceticismo. E é nesse movimento de persuasão, certamente de modo bem mais enxuto do que no próprio artigo do qual o resumo é uma “notícia”, que a modalização se manifesta no texto.

### *Sobre o léxico modal do texto científico*

Em sua tipologia relativa a sequências polilexicais de textos científicos, Tutin (2013) considera expressões de função modal como sendo parte da categoria “interpessoal”. Essa categoria reúne, de forma mais evidente, sequências indissociáveis de situações enunciativas específicas, vistas, mais comumente, em diálogos ou, no caso dos textos científicos, em segmentos periféricos (agradecimentos, por exemplo), e, de maneira mais sutil, sequências de função modal, do tipo *parece que, é provável que, de meu ponto de vista* etc. Para Tutin, essas formas nunca aparecem incorporadas ao conteúdo proposicional do enunciado e, por isso, podem ser consideradas metadiscursivas. Do ponto de vista sintático, manifestam-se por expressões essencialmente adverbiais ou por orações principais que introduzem o conteúdo proposicional.

Embora não se baseie propriamente nos estudos de modalização, adotando a noção de metadiscurso (HYLAND, 2005), a proposta tipológica de Hyland (2008) para a definição de sequências lexicais encontradas em textos acadêmicos também a incorpora. Sua classificação supõe três principais categorias: orientada para a pesquisa, para o texto e para os participantes (escritor e leitor). Essa última é subdividida em “postura/posicionamento”, englobando expressões que transmitem atitudes e avaliação do autor (como, por exemplo *é provável que, pode ser devido a*), e “adesão/persuasão”, expressões dirigidas mais diretamente aos leitores (*deve notar-se que, como pode ser visto*) e, de maneira mais ampla, faz parte do metadiscurso científico. Definido como “expressões autorreflexivas utilizadas para negociar os sentidos interacionais no texto, auxiliando o escritor (ou orador) a expressar sua opinião e a envolver o leitor como membro de uma comunidade específica” (HYLAND, 2005, p. 37), o metadiscurso, segundo o autor, deve ser compreendido “como elemento central para o propósito do uso da linguagem, e não apenas complementar, com funções paralelas à transmissão de ideias ou experiências” (*op cit.*, p. 36). Em sua análise de textos científicos redigidos em inglês com base em *corpora* comparáveis de investigações de natureza experimental (Biologia e Engenharia) e das ciências humanas (Linguística e Administração), Hyland (2008, p. 18) chama a atenção para o fato de que mais da metade das expressões orientadas para os participantes são do primeiro tipo (postura/posicionamento de autor) e, dessas expressões, a maioria integra o discurso das

ciências humanas, cujos autores precisam avaliar mais explicitamente o que dizem para construir sua argumentação. Por outro lado, tais expressões são marcadas pela impessoalidade e pela cautela, a atenuação na apresentação da informação, vista em formas modais como *é possível que, são propensos a, o que permite*, segundo Hyland, com que os autores se resguardem de falsas interpretações, bem como indiquem o grau de credibilidade com que as declarações devem ser lidas.

Além das unidades tipicamente metadiscursivas consideradas por Tutin (2013) e Hyland (2005, 2008), o estudo que propomos aqui, partindo da noção de modalização comentada anteriormente e de observações prévias relativas às fraseologias de gênero encontradas em resumos, adota uma perspectiva mais abrangente quanto às marcas de modalização em resumos científicos. Marcas morfológicas, como o uso de certos tempos verbais, escolhas lexicais entre itens de um mesmo paradigma e mesmo o segmento textual em que ocorrem as sequências (introdução dos objetivos, justificativa, conclusão etc.) também são levados em conta. Buscamos fazer um levantamento mais exploratório, sem definir previamente o tipo de unidade lexical/fraseológica, tendo em vista que comparamos diferentes comunidades linguísticas e, portanto, meios distintos de expressão que se refletem tanto na organização textual quanto nas escolhas lexicais.

### Procedimentos metodológicos, análise e resultados

As etapas de análise são compostas pelos seguintes procedimentos:

1) *Corpora* já constituídos para estudos anteriores, conforme mencionado, com as seguintes características:

Quadro 1 – Configuração dos *corpora*

<i>Subcorpus</i>	Nº de resumos	Periódicos	Período coberto	<i>Tokens / Types</i>
Português	100	<i>Trabalhos em Linguística Aplicada</i> (UNICAMP) <i>D.E.L.T.A.</i> (PUC-SP)	2008 – 2012	> 14.500 > 3.600
Francês	100	<i>Revue française de linguistique appliquée</i> (Pub.Linguistiques) <i>Le français aujourd'hui</i> (Armand Colin) <i>META</i> (Université de Montréal)	2008 – 2011	> 15.700 > 3.500

2) Análise da macroestrutura (organização textual) de seis resumos extraídos aleatoriamente dos *corpora* e identificação de índices de modalização. Essa análise prévia de cada *subcorpus* ajuda a definir a expectativa do que pode ser encontrado em cada comunidade discursiva,



para depois levantarmos e cruzarmos os dados; em outras palavras, como sugere Rastier (2006, p. 102-103), partimos de uma perspectiva *onomasiológica* para chegar à perspectiva *semasiológica*, em que aprofundaremos os significados do léxico levantado para posterior comparação.

3) Testagem dos índices de modalização identificados em cada *corpus*, com uso de ferramenta de processamento automático da linguagem (AntConc 3.5.7, 2018), para verificar sua presença na totalidade dos textos em cada língua (formas modalizadoras identificadas na análise prévia são frequentes no *corpus*?).

4) Cruzamento das buscas, com base em formas equivalentes (perspectiva *semasiológica*), para verificação de correspondências (formas modalizadoras identificadas em português são encontradas em francês? E o inverso?).

5) Comparação dos dados entre as línguas e entre os resultados obtidos da primeira análise (primeiras impressões) e com o uso da ferramenta AntConc.

#### *A macroestrutura dos resumos*

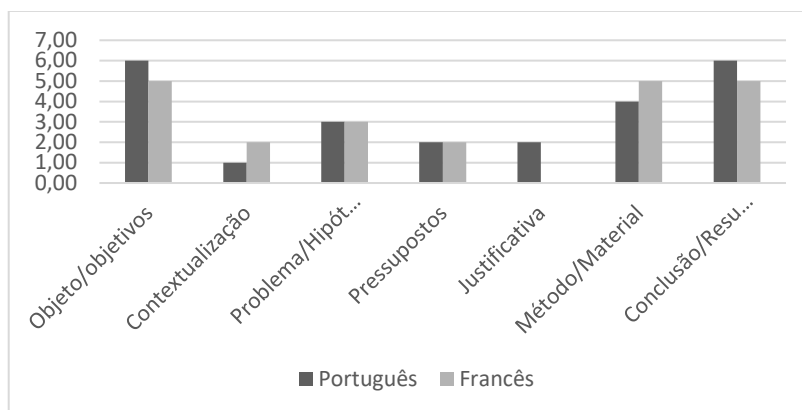
A organização sugerida pelas normas da ABNT (NBR 6028, 2003) e que se reproduz aproximadamente na maioria dos periódicos, inclusive estrangeiros, segundo a qual os resumos devem expor os objetivos, explicar os procedimentos metodológicos, apresentar os resultados e a conclusão, nem sempre é muito precisa ou mesmo se verifica nos resumos analisados<sup>13</sup>. Outras informações, tais como a contextualização da pesquisa, o problema ou as questões iniciais, a filiação teórica acompanhada ou não de pressupostos, considerações relativas à sua aplicação ou contribuição, entre outras, também são incorporadas aos resumos, às vezes ocupando grande parte do texto. Estas constituem, de modo geral, o que Bathia chama de “estratégias” no seio dos quatro “movimentos” principais que correspondem àqueles mencionados pelas normas (ver Bathia, 1993, p. 78-79).

Ocorre que uma observação mais fina dos textos extraídos de nossos *corpora* permite notar que as informações principais nem sempre são bem distribuídas, sendo algumas delas privilegiadas através da sobreposição de certas informações. Por exemplo: a explicitação do objeto seguida do desenvolvimento do problema de pesquisa e da conclusão; do objeto, de um problema e da hipótese; ou ainda de uma extensa contextualização do trabalho, dos objetivos e de questões, sobrando pouco ou nenhum espaço para a exposição da metodologia e dos resultados. Esse tipo de construção, com algumas diferenças, foi encontrado nos dois *corpora*, conforme mostra o gráfico a seguir.

---

<sup>13</sup> Trabalhos anteriores já haviam apontado para a mesma discrepância entre as produções dos resumos e as normas oficiais (ver, por exemplo, Biasi-Rodrigues, 2009).

Gráfico 1 – Partes da macroestrutura dos resumos em português e francês



Fonte: a autora.

Se o objeto e/ou os objetivos, assim como a parte conclusiva, são reconhecidos em quase todos os exemplares analisados, o mesmo não ocorre em relação às demais informações, o que já é um indicativo de que os textos de um mesmo *corpus* podem variar bastante em termos de organização macroestrutural e, em última análise, de orientação retórica. Vale salientar também que, dentro de determinadas categorias, pode ser encontrado um grau maior ou menor de detalhamento, como vemos principalmente com a exposição da metodologia, mas também das conclusões, alguns textos descrevendo o que é feito ao final do trabalho, mas não fornecendo resultados ou uma conclusão propriamente dita.

Observando cada um dos conjuntos de textos, podemos dizer que os resumos analisados em português privilegiam, de maneira geral, a exposição do objeto de estudo e/ou os objetivos do trabalho – que vem marcada por formulações “metacientíficas” do tipo *o objetivo é..., o foco deste artigo recai..., o presente artigo discute/reflete...* –, alternando outros tipos de informação, como a contextualização, a justificativa e/ou os pressupostos – *No contexto pesquisado..., Este artigo reúne pressupostos teóricos da...* –, passando brevemente pela metodologia, que tende a se resumir ao material de análise, para chegar à conclusão. Esta expõe resultados ou uma conclusão – *Como resultado, ficou evidente que..., Concluo que...* –, porém, por vezes, refere-se a um relato do que é feito ao final do artigo, com formulações do tipo: *Conscientes da necessidade de [...], apresentamos nossa proposta, Apresentam-se também algumas sugestões [...], Os argumentos apresentados [...] nos levam a refletir sobre [...]*. De todo modo, formas de modalização, expressas por verbos, substantivos ou adjetivos de valor modal (*necessidade, necessário; poder*), verbos que adquirem caráter asseverativo (*mostrar, apontar, indicar*), quase asseverativo (*sugerir*) ou avaliativo (*contribuir*), concentram-se, quase invariavelmente, ao final do texto, ou seja, no momento de seu fechamento. Como os textos em português tendem a recorrer a formulações metacientíficas, também podem ser considerados índices de busca, nesse caso, o léxico metacientífico (*objetivo, objetivar* e sinônimos *propósito, buscar, procurar*).

Já os resumos analisados em francês não costumam utilizar formas metacientíficas. De maneira geral, identificam-se todavia os objetos e/ou objetivos, apresentados algumas vezes na forma de um problema de pesquisa ou de uma contextualização, a metodologia e o que é feito ao final do trabalho, e não necessariamente resultados e/ou conclusões. Aliás, os resumos parecem privilegiar uma descrição do que é feito no artigo (como ele se organiza), com o uso inclusive do futuro simples – *nous présenterons, nous exposerons, il s’agira de*, etc. A modalização aparece em informações distintas, não sendo própria das formas conclusivas, e verifica-se no uso de verbos modais ou de valor modal (*pouvoir, permettre, falloir* etc.), de verbos que funcionam como atenuadores da asseveração (como *sembler*) ou, ao contrário, de caráter asseverativo (*montrer, s’avérer*), avaliativo (*contribuer*), de tempos verbais (*conditionnel, futur*), de adjetivos (*une dimension fondamentale, une étude approfondie, une notion importante* etc.) e de advérbios (*particulièrement, notamment*).

#### *Resultados obtidos a partir dos índices de modalização em Português*

A busca realizada pelos índices de modalização no programa AntConc (versão 3.5.7, 2018), através da ferramenta *Concordance*, forneceu-nos os primeiros resultados de cada *subcorpus*. A análise do enunciado nos permitiu identificar o que correspondia de fato às fraseologias metadiscursivas (ou interpessoais) e, assim, indicar sua frequência na totalidade do *subcorpus*, bem como o tipo de modalização que, além da escolha lexical, é definido pela combinatória lexicogramatical e pela função que adquire na organização textual. Por exemplo: o presente artigo **busca contribuir para** indica uma intenção (modalização volitiva), ao passo que **as ferramentas utilizadas contribuíram para** traz um julgamento de valor sobre o procedimento adotado (modalização avaliativa); **Neste trabalho, procuramos apontar** marca a intenção orientada para determinada ação (modalização volitiva), diferentemente da formulação **os principais resultados apontaram que: [...]**, que introduz de fato o que resultou do estudo (modalização asseverativa). Assim, dependendo da combinatória lexical, do sujeito sintático (sujeito instrumental ou agente), do tempo verbal e mesmo do segmento textual em que ocorre, as fraseologias metadiscursivas apresentam o conteúdo proposicional de uma determinada perspectiva, o que buscamos ilustrar nos quadros a seguir.

Quadro 2 – Resultados obtidos no *subcorpus* de língua portuguesa

Índices de busca	Frequência	Tipo de modalização	Segmento textual	Exemplos
Mostr* (mostrar)	22 x	Asseverativa	Conclusão	Os dados apresentados <u>mostram</u> que
Apont* (apontar)	7 x	Asseverativa	Conclusão	Os resultados <u>apontam</u> que

Indic* (indica)	5 x	Asseverativa	Conclusão	Os resultados obtidos <u>indicam</u> que
Possíve*/ Possibilidade	11 x	Quase asseverativa	Conclusão	Foi <u>possível</u> concluir que Propomos uma <u>possível</u> [...]
Pod* (poder)	15 x	Quase asseverativa	Conclusão Hipótese	Os resultados desse estudo <u>podem</u> contribuir para
Suger* (sugerir)	8 x	Quase asseverativa Deôntica	Conclusão	Os resultados preliminares <u>sugerem</u> que [QA] Finalmente, <u>sugerimos</u> [D]
Necessár*/ Necessidade	9 x	Deôntica	Conclusão Justificativa Metodologia	Para levantar X, é <u>necessária</u> a utilização de Há a <u>necessidade</u> de
Contribu*/(contribuir/ contribuição)/ Colabor* (colaborar)	6 x	Avaliativa	Justificativa Conclusão	Este trabalho <u>contribui</u> para As ferramentas [...] <u>contribuíram</u> para revelar
Objetiv* (objetivo/objetivar)	25 x	Volitiva	Objetivo(s)	O <u>objetivo</u> deste trabalho é Este artigo <u>objetiva</u>
Busc* (buscar)/ Procur* (procurar)	17 x	Volitiva	Objetivo(s) Metodologia	A investigação <u>buscou</u> : descrever e analisar X O presente artigo <u>procura</u> contribuir

Qa: quase asseverativa; D: deôntica. Fonte: a autora.

Os índices de busca se revelaram produtivos para a identificação de formas de modalização – são, de modo geral, frequentes no *corpus* de análise – e apontam para uma modalidade específica, com uma única exceção (o verbo *sugerir*), não importando se aparecem em diferentes segmentos do texto, ou seja, se cumprem funções diferentes para a construção do resumo. Por exemplo, a modalidade deôntica expressa pelos índices *necessár\*/necessidade* serve para justificar tanto a pesquisa como a metodologia adotada, em que o enunciador antecipa-se a qualquer questionamento acerca do valor de seu trabalho ou da maneira como procedeu para realizá-lo, como ilustram os enunciados a seguir:

(1) É necessário que se realize também um trabalho sistemático [Justificativa de pesquisa]

(2) Para levantar X, é necessária a utilização de instrumentos e procedimentos que... [Metodologia]

Encontramos essa variação de função também com os índices *pod\* (poder)*, *necessári\*/necessidade*, *contribu\* (contribuir, contribuição)*, *busc\* (buscar)* e *procur\**

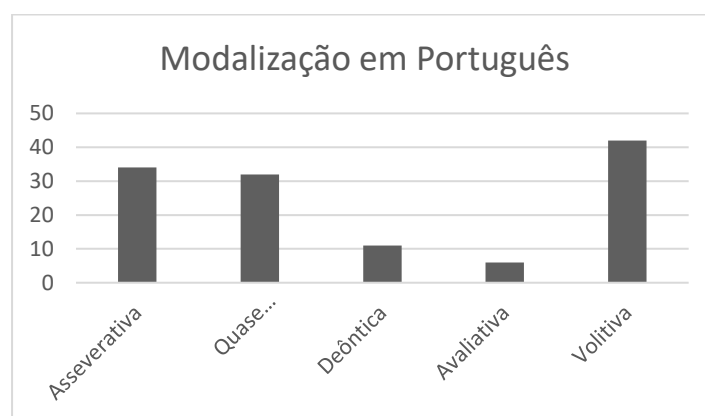
(*procurar*), que aparecem mais dispersos nos textos do que os demais, concentrados ou nas conclusões (como os verbos constativos<sup>14</sup>) ou nos objetivos.

Por outro lado, encontramos variação de modalização com o uso do verbo *sugerir*, embora haja predominância de um dos tipos. Quando construído com sujeitos do tipo instrumental – como *os resultados, a análise, o trabalho* etc. –, seu uso, em contraste com os verbos constativos, tem o efeito de atenuar a asseveração sobre a credibilidade de uma dada informação (resultado, constatação). Esta é a construção predominante com o verbo *sugerir* nos resumos em português. Quando assumido por um sujeito agentivo – marcado pela primeira pessoa, plural ou singular – o verbo adquire o efeito de formulações deônticas, em que há uma recomendação ao interlocutor, podendo facilmente ser substituído por um verbo modal: ao dizer *sugerimos que se realize [...] ou é necessário que se realize*, percebemos uma diferença na gradação com que algo é proposto, mas não de intenção do sujeito enunciator.

A diferença de uso entre possíveis sinônimos e, sobretudo, a preferência por uma das formas – como vemos com o verbo *mostrar* comparado a *apontar* e *indicar* – aparece também entre as formas *contribuir*, bastante frequente, e *colaborar*, quase inexistente no sentido de “favorecer algo, propiciar alguma ação”. Já a frequência de uso de *buscar* e *procurar* no sentido de “ter como objetivo” é bastante aproximada, podendo ser considerados de fato sinônimos no discurso científico.

Quanto aos tipos de modalização, se contabilizados os dados encontrados a partir desse levantamento, teremos a seguinte distribuição:

Gráfico 2 – Modalização encontrada nos resumos em Português



Fonte: a autora

É preciso destacar, finalmente, dois aspectos observados durante o procedimento de análise, mas não ilustrados propriamente pelo quadro: primeiro, o fato de alguns índices se

<sup>14</sup> Verbos que se apoiam no semantismo da percepção, como *observar, constatar, ver* etc. Para um estudo aprofundado desse tipo de verbo em língua francesa, ver Grossmann (2013).

combinarem com relativa frequência; segundo, a identificação de outras formulações sinonímicas e que, sem dúvida, poderiam ampliar a porcentagem do gráfico.

Em relação ao primeiro aspecto, chama a atenção o fato de os verbos *mostrar* e *apontar*, que, ao lado de *indicar*, fazem parte dos verbos de tipo constativo, integrarem construções de valor volitivo, anulando, dessa forma, seu valor epistêmico asseverativo, o que não ocorre com seu similar. Assim, se dizemos

(3) Com intuito central de **mostrar** que / Pretende-se **mostrar** que ou Neste trabalho, procuramos **apontar** [modalização volitiva]

parece não ser possível dizer

(4) Com o intuito central de indicar que\* / Pretende-se indicar que\* ou Neste trabalho, procuramos indicar\*

restringindo, mais fortemente, o verbo *indicar* à introdução dos resultados, palavra que coocorre com o mesmo no *corpus* analisado, e à modalização epistêmica asseverativa.

Observamos também que os mesmos verbos, mantendo, nesse caso, seu valor asseverativo, introduzem mais facilmente formulações que apontariam para a modalização avaliativa ou deôntica, como mostram os seguintes exemplos de fechamento dos resumos:

(5) *X e Y se **mostraram** uma importante ferramenta / Os resultados **mostram** a necessidade de*

(6) ***Aponta-se** a real necessidade de*

Ainda quanto ao aspecto de combinações possíveis, vemos também formas de atenuação (quase asseverativas) ou de intenção (volitivas) combinadas com índices de tipo avaliativo, tais como em:

(7) *Os resultados desse estudo **podem** contribuir para* (e não “os resultados contribuem para”)

(8) *O presente artigo **procura** contribuir para* (e não “o artigo contribui para”) / ***A fim de** contribuirmos para um debate significativo* (e não “Contribuímos para”)

Em relação às formas sinonímicas, foram encontradas principalmente formulações variadas para a volição. Alternam-se, assim, com as construções contendo *objetivo*, e os verbos *objetivar*, *buscar* e *procurar*, expressões como *pretender*, *a fim de*, *com o propósito de* e *com intuito de*, o que reforça uma postura nos resumos em português, não verificada antes, de se assumir, muitas vezes, mais uma intenção ou tentativa de realização do que a realização efetiva do estudo ou de seus resultados e repercussões.

*Resultados obtidos a partir dos índices de modalização em Francês*

E como modalizam os autores em língua francesa? Além dos índices de modalização

expostos no quadro a seguir – em que estão incluídos, entre outros, verbos modais, constativos, de atenuação, advérbios e adjetivos –, marcas do Futuro do Indicativo e do Condicional (Futuro do Pretérito), que serão comentadas separadamente, já apontam para especificidades do resumo nessa língua.

Quadro 3 – Resultados obtidos no *subcorpus* de língua francesa

Índice de busca	Frequência	Tipo de modalização	Segmento textual	Exemplos
permet* (permettre) [permitir]	19 x	Asseverativa	Metodologia Conclusão Pressupostos	<i>Ces méthodes <u>permettent</u> d'étudier</i>
montr* (montrer) [mostrar]	14 x	Asseverativa	Conclusão Objeto Objetivo(s)	<i>Les réponses obtenues <u>montrent</u> que</i> <i>Nous <u>montrons</u> que</i>
peu*/pou* (pouvoir) [poder]	23 x	Quase asseverativa Deôntica	Pressupostos Objeto Conclusão Metodologia	<i>Nous étudierons l'intérêt que <u>peuvent</u> présenter</i> <i>En conclusion, X <u>ne peut pas</u> être réduit à</i>
semble* (sembler) / parai* (paraître) [parecer]	6 x	Quase asseverativa	Conclusão	<i>Le dispositif <u>semble</u> avoir contribué à</i> <i>X <u>semble</u> prouvé par</i>
dev*/doiv* (devoir) [dever]	7 x	Deôntica	Pressupostos Objetivo(s) Conclusão	<i>X <u>doit</u> servir de ... pour</i> <i>X <u>doit</u> se donner (et suivre) des règles strictes</i>
fau* (falloir) [impessoal, indica dever ou necessidade]	5 x	Deôntica	Metodologia Pressupostos	<i>A ce premier niveau d'interprétation, <u>il faut</u> en ajouter un second</i>
avér*/avèr* (avérer/s'avérer) [mostrar(-se)]	8 x	Avaliativa Deôntica	Objeto Problema Contexto Metodologia Conclusão	<i>X et Y <u>se sont avérés</u> des déterminants importants [A]</i> <i>Il <u>s'avère</u> nécessaire d'étudier [D]</i>
contribu* (contribuer/contribution) [contribuir]	10 x	Avaliativa	Objetivos Conclusão	<i>Ce texte est une <u>contribution</u> à la discussion de</i> <i>Nous pensons <u>contribuer</u> à</i>
Adjetivos (important, fondamental, essentiel)	11 x	Avaliativa	Metodologia Objeto Justificativa Conclusão	<i>la notion de X, qui est l'une des plus <u>importantes</u></i>

Advérbios em <i>*ment</i> ( <i>particulièrement, effectivement, largement</i> etc.) [particular, efetivo, amplamente]	15 x	Avaliativa Asseverativa Deôntica	Metodologia Pressupostos Problema Conclusão	<i>une méthode <u>particulièrement</u> prisee</i> [Av] <i>X est <u>clairement</u> identifié comme</i> [Ass] <i>Le travail sur X passe <u>nécessairement</u> par</i> [D]
---	------	--	--	---

Ass: asseverativa; Av: avaliativa; D: deôntica. Fonte: a autora.

Os índices selecionados para as primeiras buscas no *corpus* em francês também se mostraram produtivos de modo geral, gerando volume de dados para a análise. Como primeiras impressões, os quadros já revelam preferências no modo de expressão de uma comunidade linguística para outra, uma vez que boa parte dos índices aparece com certa frequência nos *corpora*. De maneira geral também, os índices expressam um tipo de modalização, exceção feita a três casos que serão comentados em seguida (o modal *pouvoir* [poder], construções com o verbo *s'avérer* e com os advérbios em *-ment*). Como em português, porém, vemos que os diferentes índices podem aparecer em segmentos distintos do texto, como nestes exemplos:

(9) *Les corpus [...] permettent de relever* [Os corpora [...] permitem levantar] comenta a metodologia adotada;

ao passo que

(10) *L'analyse des données permet de conclure que* [A análise dos dados permite concluir que] introduz o comentário conclusivo do resumo.

A distribuição da modalização ao longo dos textos se torna ainda mais evidente quando olhamos para o uso de advérbios e adjetivos:

(11) *Le présent article constitue une réflexion sur la notion de contexte, qui est l'une des plus importantes de l'analyse* [O presente artigo constitui uma reflexão sobre a noção de contexto, que é uma das mais importantes da análise], comenta o objeto da análise,

(12) *Le traitement de ce type de corpus n'est pas sans importance pour l'observation de* [O tratamento desse tipo de *corpus* não é sem importância para a observação de], comenta o material/a metodologia empregada,

(13) *Les résultats, obtenus sur [...], donnent à penser que ces paramètres influent effectivement sur les comportements* [Os resultados, obtidos com [...], fazem pensar que esses parâmetros influenciam efetivamente os comportamentos], comenta o resultado da pesquisa, em que o advérbio *effectivement* vem antecedido da locução *donner à penser*, que atenua a força da asseveração.

Os casos em que identificamos formas distintas de modalização merecem igualmente nossa atenção, pois revelam, por um lado, a importância da composição dos sintagmas para



a leitura da modalização (no caso dos advérbios e do verbo *s'avérer*), e, por outro, polissemia (no caso do modal *pouvoir* [poder]).

O emprego de advérbios com terminação em *-ment* é revelador do fenômeno das combinatórias – em que um item lexical seleciona outro – sinalizando para três tipos de modalização, como mostram os exemplos:

(14) *l'étude s'est avérée **relativement aisée*** [o estudo se revelou relativamente fácil] / *X apparaît comme une méthode **particulièrement prisée*** [X se apresenta como um método particularmente apreciado] [modalização avaliativa],

(15) *le terme X est **clairement identifié** comme* [o termo X é claramente identificado como] / *cette idée est **nettement perceptible*** [essa ideia é claramente perceptível] [modalização asseverativa],

(16) *Le travail **passé nécessairement** par l'étude de* [O trabalho passa necessariamente pelo estudo de] [modalização deôntica].

Nos exemplos 14, a modalização é composta por um advérbio (item de busca) e por um adjetivo de valor apreciativo; o primeiro serve para atenuar, particularizar ou reforçar o valor do segundo, que já contém em si marca de modalização. Em 15, os advérbios funcionam como reforço para a elucidação, aquilo que é da ordem do “visto”, mostrado, atestado, aproximando-se do valor dos verbos de constatação. Já no exemplo 16, a modalização é expressa exclusivamente pelo advérbio, derivado de um adjetivo de caráter deôntico (*nécessaire* [necessário]). Muitos desses casos seriam, de todo modo, dificilmente alternáveis nessas composições, como, por exemplo: *l'étude est nettement\* facile* [o estudo é claramente fácil] / *le terme X est relativement\* identifié comme* [o termo X é relativamente identificado como] / *Le travail passe clairement\* ou relativement\* par* [o trabalho passa claramente/relativamente por], mostrando que há uma co-seleção entre os itens.

Fenômeno semelhante identificamos com o uso do verbo *s'avérer* [mostrar-se], que por vezes torna difícil a distinção das modalizações avaliativa e deôntica. De uso marcado como “raro” ou “literário”, em sua forma pronominal, é definido como “mostrar-se em sua realidade, após verificação” (CNRTL, acepção II), o que levaria a classificá-lo como asseverativo, sinônimo de *montrer* [mostrar]. A diferença está, porém, nas construções sintáticas e nas combinatórias lexicais: enquanto *montrer* aparece sempre como transitivo direto nos resumos, introduzindo o objeto de pesquisa ou os resultados – como em *L'article montre la singularité de* [O artigo mostra a singularidade de] ou *nous montrons que* [mostramos que] –, o verbo *s'avérer* aparece sempre na forma pronominal, adquirindo valor de verbo de ligação (ou copulativo) e servindo, como tal, para apreciar qualquer dos aspectos da pesquisa. Não por acaso, é comum vir acompanhado de advérbios de atenuação ou intensificação, sobretudo quando seguido de marcas da modalização avaliativa, como em

(17) *X s'est avéré **relativement aisé*** [X se mostrou relativamente fácil] / *ces outils s'avèrent **très utiles** pour mener les analyses* [esses instrumentos se revelaram muito úteis para realizar as análises]

e introduzir marcas da modalização deôntica, através de uma construção impessoal, como em

(18) *Pour l'étude de X, il s'avère nécessaire d'analyser* [Para o estudo de X, é necessário analisar]

Quanto ao verbo *pouvoir* [poder], de modo geral ele é usado nos resumos em francês para atenuar a asseveração, conforme vemos nas comparações:

(19) *les différentes raisons qui peuvent expliquer X* [as diferentes razões que podem explicar X] / *que l'on peut prédire* [que podemos predizer] poderiam ser reformuladas, sem perda de efeito de sentido, por *les raisons qui expliquent peut-être* [as razões que talvez expliquem] / *que l'on prédirait* [que prediríamos]

ou no uso da modalidade interrogativa, não comum nos resumos em português, e que reforça o valor da atenuação, ao lançar a questão ao interlocutor, como em

(20) *la recherche de X, peut-elle se satisfaire de méthodes Y et Z ?* [a pesquisa de X pode se contentar com métodos Y e Z ?] / *Peut-on aller plus loin et retrouver [...]* ? [Podemos ir além e encontrar... ?], como se disséssemos [...] *est-il possible se satisfaire de / aller plus loin (je n'en suis pas sûr)* [é possível se contentar com / ir além (não tenho certeza)].

Ao vir acompanhado de uma negação, no entanto, ele adquire valor de obrigatoriedade, aproximando-se do modal *devoir* [dever], como vemos, mais raramente, em enunciados como

(21) *le contexte ne peut (doit [deve]) être réduit à* [o contexto não pode/deve ser reduzido a] / *En conclusion, X ne peut (doit [deve]) être dissocié de* [Para concluir, X não pode/deve ser dissociado de]

Finalmente, resumos em francês são marcados igualmente pelo uso do Futuro do Indicativo e do Condicional (Futuro do Pretérito). Por meio da busca pelos sufixos *\*ra / \*ront* (3ªp. ou pronome *on*), *\*rons* (1ªp.p.) e *\*rait* (3ªp.s.), identificamos no primeiro caso que, se o uso do Futuro é frequente no *corpus* de análise, na maior parte das vezes não constitui de fato modalização, configurando-se mais como uma descrição do que vai ser apresentado no artigo, como vemos em: *nous étudierons* [estudaremos], *nous présenterons* [apresentaremos], *on distinguera* [distinguir-se-á], ou *X et Y seront décrits, analysés* [X e Y serão descritos, analisados] etc. A modalização aparece em função da escolha lexical e em orações principais, sempre com o pronome *nous* [nós], introduzindo um conteúdo proposicional por meio de verbos constativos (asseverativos), normalmente para concluir o texto, como nos exemplos:

(22) *Nous verrons enfin que* [Veremos enfim que] / *Nous montrerons que* [Mostraremos que], [modalização asseverativa]

Quanto ao uso da forma Condicional, encontrada através dos sufixos *\*rait* (3ªp.s. ou pronome *on*), *\*raient* (3ªp.p.), *\*rions* (1ªp.p.) e *\*rais* (1ªp.s.), também são mais presentes nos

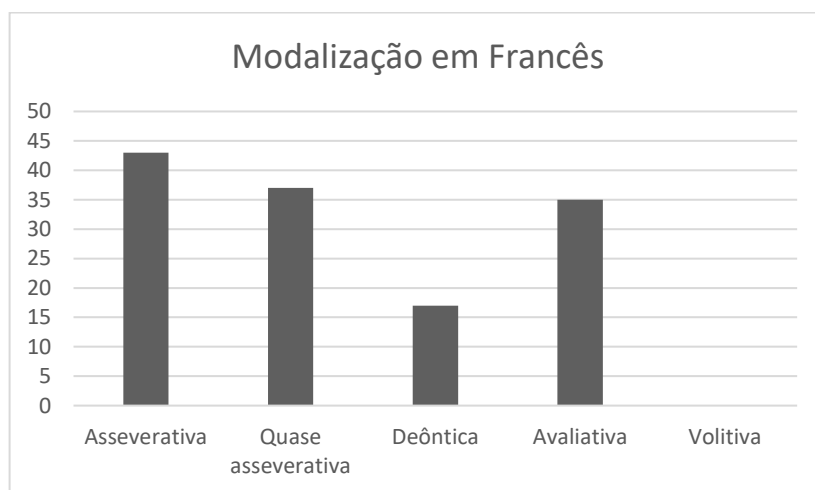
segmentos conclusivos, integrando orações principais ou subordinadas, marcando em todos os casos a atenuação de uma afirmação (exemplos 23), muito comumente em um verbo cujo semantismo já indica o menor grau de adesão ou de credibilidade do sujeito enunciador (exemplos 24):

(23) X **appellerait, décrirait** [X chamaria/exigiria, descreveria]

(24) L'auteur **suggère** des pistes qui **permettraient** de [O autor sugere pistas que permitiriam] / *pour aboutir à l'idée que X et Y **auraient tendance à*** [para chega à ideia de que X e Y teriam tendência a] / X **semblerait plus adapté à** [X pareceria mais adaptado a]

Somando esses dados aos comentados anteriormente a partir do quadro, temos a seguinte distribuição dos tipos de modalização em resumos redigidos em francês:

Gráfico 3 – Modalização encontrada nos resumos em Francês



Fonte: a autora

Comparando os resultados obtidos dos *corpora*, observamos alguns traços comuns e mesmo esperados nos resumos – como o uso recorrente, nos dois conjuntos, da modalização *epistêmica*, tanto em sua forma mais forte (asseverativa) quanto atenuada (quase asseverativa). Verificamos, por outro lado, diferenças mais significativas no uso da modalização *deôntica* – mais frequente em língua francesa –, e sobretudo quanto às modalizações *volitiva* – muito presente em português e inexistente em nossas primeiras buscas em francês –, e *avaliativa* – que, ao contrário, parece ser pouco expressiva em português e relevante em francês. Assim, se, por um lado, resumos em português apresentam-se, muitas vezes, como um discurso de intenções, resumos em francês parecem reforçar a pertinência do texto a ser lido, apreciando seu conteúdo.

Antes, porém, de fazermos comentários mais conclusivos acerca da interpretação desses dados e de sua relação com o letramento acadêmico, é necessário realizarmos alguns

testes – centrando-nos nas diferenças identificadas –, cruzando as buscas por meio de índices de relativa equivalência (perspectiva *semasiológica*), como, por exemplo, verbos de caráter volitivo em francês e formas de caráter deôntico e avaliativo em português, vistas sobretudo em adjetivos e advérbios.

### *Comparação entre os corpora*

Em português, a busca por advérbios em *\*mente* revela um emprego menos diversificado se comparado às formulações que compõem em francês. Excetuando aqueles que funcionam como marcadores temporais ou organizadores textuais e discursivos – como *atualmente*, *concomitantemente* ou *inicialmente*, *finalmente*, *consequentemente* etc. – encontramos esse tipo de advérbio em formulações epistêmicas asseverativas cumprindo a função de *delimitação*, ou seja, servem para delimitar o foco ou o efeito da asseveração, como nos exemplos:

(25) *O estudo mostrou que há ganhos de X principalmente em termos de*, delimita o resultado da pesquisa,

(26) *O artigo detém-se em X, especialmente em X1*, especifica o objeto de pesquisa,

(27) *Vários estudos, geralmente conduzidos em [...], mostram que*, delimita tipos de estudos para fins de contextualização da pesquisa proposta.

A título de comparação, não foram encontradas, com o uso desses advérbios, modalizações avaliativas – seguidas ou não de adjetivos – nem deônticas (apenas um exemplo com *necessariamente*, nenhum exemplo com *obrigatoriamente*).

Quanto ao emprego de adjetivos como *importante* (ou *importância*), *essencial*, *fundamental* e alguns sinônimos, como *significativo* e *pertinente*, que tendem a atribuir um efeito avaliativo ou deôntico, os resultados se aproximam, em termos numéricos, daqueles encontrados em língua francesa, chegando a 9 ocorrências ao todo, mas distinguem-se na medida em que se concentram, sempre como avaliativos, no segmento conclusivo. O *corpus* traz exemplos principalmente como os ilustrados a seguir:

(28) *X e Y se mostraram uma importante ferramenta para*

(29) *Esse fato é significativo / Os números são significativos*

Formas como *contribuição* ou *contribuir* tampouco apresentam o mesmo uso: enquanto não foi encontrada nenhuma ocorrência para o primeiro caso (como referência ao próprio artigo de pesquisa), o segundo aparece no plano da intenção (modalização volitiva), como em *com o objetivo de contribuir para*, *o presente artigo procura contribuir* etc. Já a busca pelo verbo modal *dever* (*deve\**), possível indicativo da modalização deôntica, aparece 5 vezes no *corpus* em português, integrando principalmente comentários conclusivos.

Em francês, em compensação, as buscas por formas que podem marcar a volição,

como *objectif* ou *but* [objetivo], *viser* ou *chercher à* [visar, buscar] e *vouloir* (querer, verbo volitivo por excelência) são bem menos frequentes do que as formas equivalentes em português, chegando, ao todo, a 13 ocorrências, em que predominam as construções ilustradas a seguir:

(30) *L'objectif de cet article est de* [O objetivo deste artigo é de] / *Notre objectif est de* [Nosso objetivo é de]

(31) *L'article / On cherche à* [O artigo busca/Buscamos ou Busca-se] / *Notre contribution vise à* [Nossa contribuição visa a]

Chama atenção igualmente, nas construções em francês, a variação das formas do sujeito sintático, que variam do sujeito impessoal ou “instrumental” (*o artigo, o objetivo* etc.) ao sujeito agentivo na 1ª p. do plural (*nosso(a) objetivo/contribuição*, uso do pronome *on*, que alterna com o *nous*, podendo indicar tanto impessoalidade quanto um sujeito plural, nem sempre sendo de fácil distinção).

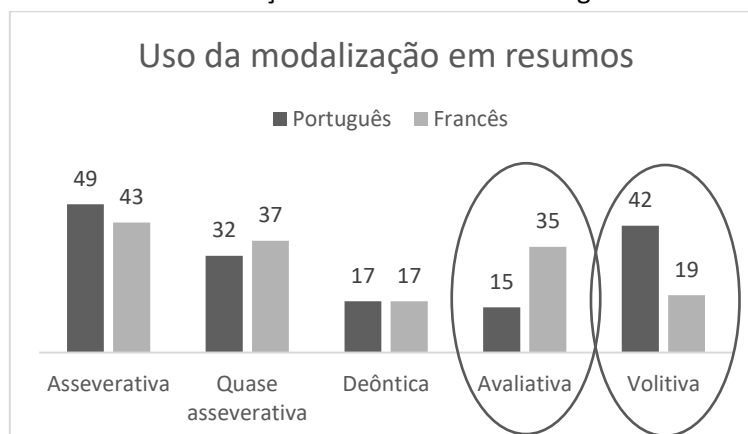
Um outro tipo de construção aparece quando buscamos pela preposição *afin de*, também indicativa da modalização volitiva. Das ocorrências pertinentes à análise, identificamos apenas 6 ocorrências; diferentemente das anteriores, porém, o uso da preposição não está diretamente associado ao objetivo *stricto sensu* da pesquisa, mas à sua justificativa ou à justificativa de algum procedimento, acompanhado por vezes da modalização deôntica. Se comparamos os exemplos, vemos que:

(32) *Afin de dépasser [...], la contribution propose de* [A fim de superar [...], a contribuição propõe] introduz um objetivo maior, aquele que justifica a realização da pesquisa, ao passo que em

(33) *Dans une telle étude, X est crucial, afin de valider les résultats* [Em tal estudo, X é crucial, a fim de validar os resultados] a preposição introduz a justificativa de um procedimento de análise.

Somando essas buscas àquelas realizadas a partir dos índices, chegamos à seguinte distribuição nos *corpora*:

Gráfico 4 – Modalização em resumos em Português e Francês



Fonte: a autora

As buscas por formas equivalentes às marcas que haviam sido alvo de nossa atenção em razão das diferenças observadas em um e outro *corpus* confirmaram nossos resultados preliminares: encontramos mais marcas de avaliação em resumos em francês do que em resumos em português, assim como mais marcas em português de modalização volitiva do que em francês, ambas comparações apresentando uma diferença maior do que o dobro. Observa-se igualmente que essas formas de modalização se aproximam, em termos de frequência, dos tipos asseverativo e quase asseverativo. Se o gráfico apresenta também, após verificação, uma leve alteração nas demais formas de modalização, estas não são representativas para fins contrastivos, revelando-se, por outro lado, mais comuns ao gênero em análise, independentemente da comunidade linguístico-cultural.

### Considerações finais

Os resultados mais genéricos que obtivemos a partir da análise proposta – como a observação do que podemos chamar de *posturas estilísticas* adotadas com frequência na redação de resumos por uma e outra comunidade linguística e cultural – apontam igualmente para considerações acerca da metodologia adotada para o estudo da modalização de uma perspectiva interlinguística. Como fenômeno discursivo, embora marcado linguisticamente, as marcas de modalização não são facilmente analisáveis nem quantificáveis, atreladas que estão à articulação textual e às convenções culturais de maneira mais ampla, à “tessitura” discursiva, aqui reveladoras da maneira de produzir e expressar o conhecimento científico. A análise textual prévia de cada *subcorpus* – com foco na macroestrutura –, a partir de uma perspectiva onomasiológica, ou seja, voltada às grandes linhas do texto, ajudou a definir a expectativa do que poderia ser encontrado em cada comunidade de discurso sem que houvesse uma projeção de um *corpus* sobre outro, risco

que corremos quando partimos da perspectiva semasiológica, centrada nas unidades linguísticas e no estabelecimento de equivalências. Esse procedimento permitiu com que cada conjunto de textos fosse interpretado a partir de sua própria configuração, dentro de um determinado paradigma, para posterior comparação.

Os resultados mais diminutos, vistos na análise das unidades encontradas em cada *subcorpus*, aprofundam a investigação estilística do gênero, evidenciada, entre outros aspectos, pelo léxico e pelas fraseologias empregadas mais comumente no resumo. Ajudam a constituir, desse modo, recursos importantes para a descrição da linguagem científica, dificilmente encontrados em manuais de língua ou obras de referência (dicionários ou gramáticas), tão úteis tanto para o letramento acadêmico quanto para a tradução, caso se queira prezar pelo idiomatismo. Nesse sentido, vale frisar a escassez de descrições comparativas, sobretudo com o português, mas também em outras línguas não hegemônicas no âmbito da ciência, em que se continua produzindo conhecimento<sup>15</sup>.

## Referências

- ANDRADE, V.; TRAVAGLIA, L. C. Modalização em artigos científicos da área da Linguística. *Domínios de Linguagem*, v. 11, n. 3, p. 822-850, ago. 2017. <https://doi.org/10.14393/DL30-v11n3a2017-17>
- ANTHONY, L. *AntConc* 3.5.2. Tóquio: Waseda University. Disponível em: <http://www.laurenceanthony.net/software.html>. Acesso em: 03 mar. 2018.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS (ABNT). ABNT NBR 6028: Informação e documentação – Resumo – Apresentação. Rio de Janeiro, 2003.
- BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. Tradução de Paulo Bezerra. 6.ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011[1979].
- BENVENISTE, É. *Problèmes de linguistique générale I*. Paris : Gallimard, 1966.
- BHATIA, V. K. *Analysing genre: language use in professional settings*. London: Longman, 1993.
- BIASI-RODRIGUES, B. O gênero resumo: uma prática discursiva de comunidade acadêmica. In: BIASI-RODRIGUES B.; ARAÚJO, J. C.; SOUSA, S. C. T. (Org.). *Gêneros textuais comunidades discursivas: um diálogo com John Swales*. Belo Horizonte: Autêntica, 2009. p. 49-76.
- CASTILHO, A. T. *Nova Gramática do Português Brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2010. <https://doi.org/10.11606/issn.2176-9419.v13i1p7-16>
- CENTRE NATIONAL DE RESSOURCES TEXTUELLES ET LEXICALES (CNRTL), CNRS – Nancy Université, 2012. Disponível em: <http://www.cnrtl.fr>. Acesso em: 28 fev. 2019.
- DELCAMBRE, I.; LAHANIER-REUTER, D. Discurso de outrem e letramentos universitários. Tradução de Maíra Avelar Miranda. In: RINCK, F.; BOCH, F.; ASSIS, J.A. (Org.). *Letramento e*

---

<sup>15</sup> Agradecemos ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) que, através do edital Universal/2016, financia nosso projeto.

formação universitária. Campinas: Mercado de Letras, 2015, p. 225-250.

GROSSMANN, F. Por que as coisas mudam? Padronização e variação no campo do discurso científico. Tradução de Hugo Mari. In: RINCK, F.; BOCH, F.; ASSIS, J.A. (Org.). Letramento e formação universitária. Campinas: Mercado de Letras, 2015, p. 97-128.

GROSSMANN, F. Les verbes de constat dans l'écrit scientifique. In: TUTIN, A.; GROSSMANN, F. (Org.) L'écrit scientifique: du lexique au discours. Rennes: PUR, 2013, p. 85-100.

HYLAND, K. As can be seen: Lexical bundles and disciplinary variation. *English for Specific Purposes*, 27, 2008, p. 4-21. <https://doi.org/10.1016/j.esp.2007.06.001>

HYLAND, K. *Academic discourse*. Londres: Continuum, 2009

IGNÁCIO, S. E. Ação, agentividade e causatividade em estruturas oracionais de ação-processo. *Estudos Lingüísticos XXXVI*(1), janeiro-abril, 2007. p. 126-132.

KERBRAT-ORECCHIONI, C. *L'énonciation – De la subjectivité dans le langage*. Paris: Armand Colin, 1980.

KILIAN, C. K.; LOGUERCIO, S.D. Fraseologias de gênero em resumos científicos de Linguística, Engenharia de Materiais e Ciências Econômicas. *Tradterm*, São Paulo, v. 26, p. 241-267, dec. 2015. ISSN 2317-9511. <https://doi.org/10.11606/issn.2317-9511.v26i0p241-267>

LOGUERCIO, S.D; KILIAN, C.K. Fraseologias de gênero de resumos de artigos científicos (português, alemão, francês). In: ZAVAGLIA, C.; SIMÃO, A.K.G. (org.) *Reflexões, tendências e novos rumos dos Estudos Fraseoparamiológicos*. São José do Rio Preto: UNESP, 2017, p. 88-101.

MALRIEU, D. Linguistique de corpus, genres textuels, temps et personnes. *Langages*, n° 153, 2004, p. 73-86. <https://doi.org/10.3406/lgge.2004.935>

MOTTA-ROTH, D. O ensino de produção textual com base em atividades sociais e gêneros textuais". *Linguagem em (Dis)curso*, LemD, Tubarão, v. 6, n. 3, set./dez.2006, p. 495-517.

NASCIMENTO, E.P. A modalização como estratégia argumentativa: da proposição ao texto. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIN, 2009, João Pessoa. *Anais do VI Congresso Internacional da ABRALIN*. João Pessoa: Ed. Idéia, 2009. p. 1369-1376 (cd-room).

NASCIMENTO, E. P.; LIMA, G. B. Os modalizadores como estratégia argumentativa no gênero resumo acadêmico. *Revista Letra Viva*, v.11, n.1, p. 55-64, 2012.

RASTIER, F. Formes sémantiques et textualité. *Langages*, 2006/3 (n° 163), p. 99-114. <https://doi.org/10.3917/lang.163.0099>

RIEGEL *et al.* *Grammaire méthodique du français*. Paris: PUF, 4ª ed. 2009.

SOBRAL, A.; SOLIGO, R.; PRADO, G.V.T. A subjetividade autoral em textos acadêmicos: algumas considerações. *Nonada: Letras em Revista*, n. 28, v. 1, 2017, p. 174-193.

SWALES, J.M. *Genre Analysis: English in Academic and Research Settings*. Cambridge: CUP, 2002[1990].

SWALES, J.M. *Research Genres: Exploration and Applications*. Cambridge: CUP, 2004. <https://doi.org/10.1017/CBO9781139524827>

TUTIN, A. Autour du lexique et de la phraséologie des écrits scientifiques. *Revue française de linguistique appliquée* 2, v. XII, 2007, p. 5-14.



TUTIN, A. La phraséologie transdisciplinaire des écrits scientifiques: des collocations aux routines sémantico-rhétoriques. In: TUTIN, A.; GROSSMANN, F. (Org .) *L'écrit scientifique: du lexique au discours*. Rennes: PUR, 2013, p. 27-43.

TUTIN, A.; GROSSMANN, F. *L'écrit scientifique: du lexique au discours*. Rennes: Presses Universitaires de Rennes, 2013.

VOLD, E. T. Modalité épistémique et discours scientifique. 2008. 336 f. Tese de *philosophiae doctor* (PhD) – Institutt for fremmedspråk, Det humanistiske fakultet, Universidade de Bergen, 2008.

Recebido em: 16/03/2019

Aceito em: 05/05/2019